

O HOMEM A CAMINHO ESTÁ

PAULA GÂNDARA

Professora de Literatura

Oxford, Ohio, EEUU, 22 de agosto de 2021.

Caro Luiz, com muito atraso e muitas desculpas agradeço-lhe, finalmente, seu livro. Que leio e releio. E que lendo e relendo me trazem novas palavras, novos sonhos, novos mundos... não tão joycianos, mas ainda assim, em si enraizados, mais do que em Joyce pois que foi da sua palavra - do seu livro - que nasceram as palavras outras que lhe dedico. Obrigada pelo carinho, pela paciência! Mas, afinal, não estou falando com o comum dos mortais... não há mortal comum que possa traduzir Joyce!

Sua análise é brilhante e, acima de tudo, ela é a abertura de mil mundos... Seu livro é muito mais que uma releitura de Joyce, ou uma "tradução", ele é também o princípio de mil poemas, vozes, traumas infantis, pesadelos convertidos em palavras oníricas e, ao mesmo, tempo precisas. Isso sim, é uma beleza!! Gostei demais!! É um livro que não se acaba em cima mas que se abre e se divide em mil outros... Acredite que em mim terás uma leitora ávida, e mais, uma "prosseguidora" das suas palavras porque de algum modo elas acordam em mim outras tantas palavras, que nem sabia que tinha. Obrigada

Para Luiz-Olyntho Telles da Silva, 1

August 22, 2021

... rememoremos com os remos da memória

enquanto se afundam lentamente as letras

e à vista nua não sobram mais que violetas;

as primeiras flores, compradas de coração

no chão.

Conheço o medo medonho de montar

nas costas do demo

os pés flutuando e o corpo que em ventos

submersos nas asas suas

sua

condensando em águas mil

a vida da violeta veludosa e insensatamente
quente olorosa
unção balsâmica afinal
encontrada após a predestinada montadura,
endemoninhado sonho
de onde mal se escapa com vida.

Submergem-se as palavras no rio
onde as lavadeiras batem a roupa
no canto que veste os homens
nus
sempre nus.

Bestas sem música que não seja a do grito de Isolda.

Gritamos juntas.

E sobre nosso surdo grito a quentura doce do veludo violeta
onde nos mergulhamos
por querer
Ondas roxas de violas odoradas recebem húmidas
nossos gritos surdos
nossos peitos mudos
e o mundo inteiro se aquieta
junto ao demo
que matematicamente seca o leito do rio.

Para Luiz-Olyntho Telles da Silva, 2

August 22, 2021

Disseram que eram frutos da mesma árvore
todos mais ou menos amendoados, e longos

de cabelos, e lisos de peitos.

A primeira da longa vagem que viaja

solta pelo futuro bruxuleante afora,

chegada antes dos demais

ida estará antes que eles se cheguem do fim.

Assim É.

Hereditariamente não marca o princípio

dos que virão mas apenas o precipício

dos que se irão

antes dela.

Precipitado já o pai nas ondas de sua voz

foi-se o homem armado com o amor

da menina

que sem calcinhas

cantava para os demais.

Surdos e Cegos Fraternos Irmãos

que ao saber da queda inicial

enterraram a cabeça na terra.

Aleijada na aleivosia do leito

ali fica

ela

a primeira

de nada

a única cuja voz soou

pelada

pelo eco da morte em que ele não se acabou.

É sempre assim

são nossos pais quem nos enterram no jardim.